

# ARQUIDIOCES DE SÃO SALVADOR – BAHIA COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE LITURGIA

## ENCONTRO DE CANTO E LITURGIA

Salvador, 26 de julho de 2024

### Os cantos dos ministros e da assembleia na 3ª edição do Missal Romano: estética e normas técnicas

Prof. Dr. Clayton Júnior Dias

#### 1. Estética dos recitativos litúrgicos<sup>1</sup>

No contexto dos recitativos litúrgicos, o texto é o elemento central, devendo ser declamado com solenidade e clareza para ser compreendido pelos fiéis. A complexidade melódica ou rítmica excessiva poderia prejudicar essa clareza.

Devido à predominância absoluta do texto nos recitativos litúrgicos, as fórmulas melódicas do canto gregoriano (e mesmo dos outros tipos de monodia litúrgica ocidental citados na aula anterior) são um mero ornamento colocado a seu serviço. Essas fórmulas são melodicamente e ritmicamente acessíveis, agradáveis ao ouvido e fáceis de memorizar, adaptando-se a diferentes textos e repetindo-se para as frases individuais.

A estética dos recitativos litúrgicos gregorianos enfatiza a simplicidade melódica e a permanência de uma única nota musical (corda de rítmica), com elevação melódica para os acentos privilegiados do texto literário e inflexões da voz (cadências) correspondentes aos sinais de pontuação do texto. Do ponto de vista melódico, os recitativos são formados fundamentalmente por três elementos: corda de rítmica, acento melódico e cadência. Às vezes, surge um quarto elemento: a entoação.

Nos recitativos gregorianos, a declamação predomina. A estrutura baseia-se nos acentos da língua latina, uma vez que esses recitativos foram criados originalmente para esta língua. A adaptação dos recitativos latinos do Missal Romano para o português brasileiro exigiu um estudo aprofundado da prosódia para recriar a mesma estética, de modo que, geralmente, a voz se eleva sobre a sílaba tônica e desce sobre as sílabas átonas e finais, formando cadências com um ou dois acentos<sup>2</sup>.

Santo Agostinho, ao falar sobre o uso da Igreja de Alexandria, Egito, escreveu: “Atanásio, bispo de Alexandria, segundo ouvi dizer, fazia ler os salmos com **modulação** de voz tão **discreta**, que mais parecia uma **recitação** que um canto”<sup>3</sup>. Guido d’Arezzo também faz observações similares ao comentar cantos simples, nos quais “frequentemente colocamos um acento agudo ou grave, pois assim como destacamos algumas coisas com maior ênfase, também destacamos outras com menor ênfase, de modo que a repetição da mesma palavra parece uma **elevação** e uma **deposição**” (*Micrologus*, cap. XV).

Em resumo, a estética dos recitativos litúrgicos é marcada pela simplicidade melódica e rítmica, com ênfase na clareza da declamação e na compreensão do texto pelos fiéis. Na base dessa estética estão os elementos componentes do recitativo litúrgico: corda de rítmica, acento melódico, cadências, pausas

<sup>1</sup> Referências fundamentais: APEL, Willi. *Il canto gregoriano: Liturgia, storia, notazione, modalità e tecniche compositive*. Lucca: Libreria Musicale Italiana Editrice, 1998. BESNIER, Joseph. *Les tons officiels des récitatifs liturgiques, règles et exemples*. Paris-Tournai-Rome, 1950. CHIARAMIDA, Michele. *Opus alienum: Funzioni e significati del canto gregoriano*. Padova: Armelin Musica, 2010. DIAS, Clayton. *Canto Gregoriano: Teoria e Prática na Liturgia*. Rio Bonito, RJ: Benedictus, 2023, p. 50. FERRETI, Paolo. *Estética gregoriana dei recitativi liturgi*. Venezia-Roma: Istituto per la Collaborazione Culturale, 1964. TURCO, Alberto. *La melodia gregoriana: Forza espressiva della Parola*. Roma: Torre d’Orfeo, 2004. TURCO, Alberto. *Cantus recitativi*. Verona: Edizioni Melosantiqua, 2011. TURCO, Alberto. *Iniziazione al canto gregoriano*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2016.

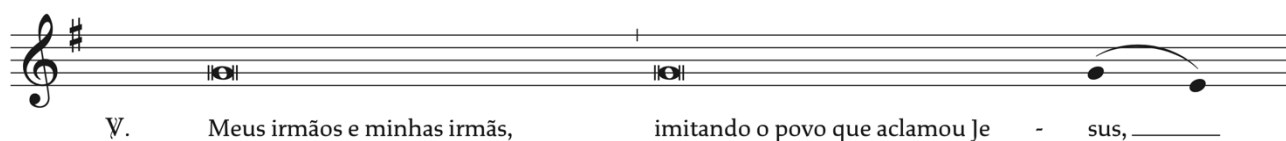
<sup>2</sup> A edição em língua portuguesa para o Brasil teve um cuidado inédito na história das edições do Missal Romano: adaptar os recitativos gregorianos à prosódia da língua portuguesa, resultado de um estudo minucioso que englobou aspectos históricos, paleográficos, textuais e musicais, conduzido por este autor. DIAS, Clayton. *Canto Gregoriano: Teoria e Prática na Liturgia*. Rio Bonito, RJ: Benedictus, 2023, p. 50.

<sup>3</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 308.

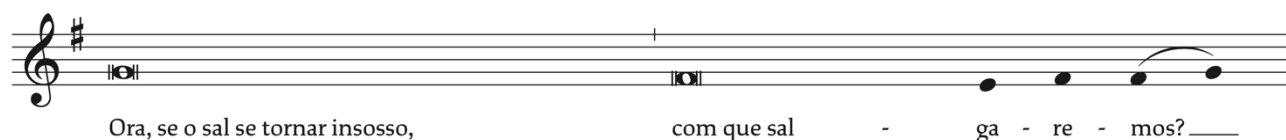
suplementares e entoação. Compreender esses elementos é fundamental para entender como eles contribuem para a efetividade estética e comunicativa dos recitativos.

### 1.1. A corda de r cita ou *tenor*

A corda de r cita ou *tenor*<sup>4</sup>   a nota recitativa principal, definida por um grau da escala modal (D , R , M  = F , Sol ou L ), sobre a qual se desenvolve melodicamente e ritmicamente a maior parte do texto literário. A cantila  o   realizada com neumas monoss nicos, ou seja, uma única nota por sílaba do texto, embora, ocasionalmente, possam ser usadas duas ou três notas, especialmente nas fórmulas cadenciais, sem perder a conotação de “recitação”. Segundo Agustoni e G schl, “certos autores têm o hábito de denominar [o *tenor*] como *dominante*, mas, para evitar confusões com a terminologia em uso na música tonal,   preferível recorrer   denominação corda de r cita, que   mais apropriada   modalidade gregoriana”<sup>5</sup>.



As frases interrogativas (*interrogatio*), de forma geral, requerem uma recitação sobre a nota inferior em relação   corda de r cita, mas com subida final   corda de r cita.



Na liturgia romana, encontramos dois tipos de recitativos publicados nas edições de canto gregoriano: o tom de D  (entendido aqui não como uma altura fixa, mas sim como um tom cuja corda de r cita possui um tom inteiro acima e um semitom abaixo) e o tom de R  (cuja corda de r cita possui um tom inteiro tanto acima quanto abaixo)<sup>6</sup>.

No livro *Cantus Recitativi*, Alberto Turco explica sobre a origem de tais tons:

O tom recitativo mais praticado nas regiões litúrgicas da Europa ocidental, com exceção de Roma,   o de R . Da Igreja de Roma, porém, não há nenhum testemunho escrito de um recitativo próprio, ou seja, precedente ao nascimento do repertório franco-romano (gregoriano), porque, da formação deste último (do séc. VIII-IX em diante), todos os tons das regiões litúrgicas, incluindo aqueles da Igreja de Roma (romanos), convergiram para o tom de R .

O tom recitativo sobre D , utilizado na liturgia atual, não pertence ao estado primitivo romano, mas sim a uma “composição” derivada, como estudaremos mais adiante.

Não há conhecimento da existência de um tom de M  para a *cantillatio* das orações e das leituras, e nem para a antiquíssima salm dia *in directum*. Evidentemente, o grau melódico semitonal de M  não era considerado id neo ao papel de corda de recitação “estável” para a proclamação de textos longos, como aqueles das orações e das leituras. O tom de M  aparece nas ladainhas, na salm dia responsorial e na hin dia métrica.<sup>7</sup>

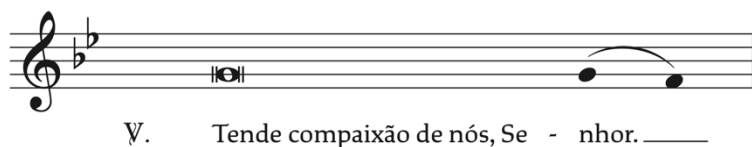
<sup>4</sup> Em latim, *tenor* significa “linha contínua” ou “curso” e   derivada do verbo *tenere* que significa “segurar” ou “manter”.

<sup>5</sup> AGUSTONI, Luigi; G SCHL, Johannes Berchmans. *Introduzione all'interpretazione del canto gregoriano I: Principi fondamentali*. Roma: Edizioni Torre D'Orfeo, 1998, p. 58 (Tradução: Clayton Júnior Dias).

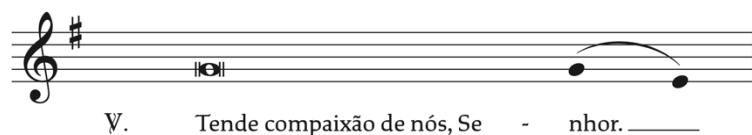
<sup>6</sup> DIAS, Clayton. *Canto Gregoriano: Teoria e Prática na Liturgia*. Rio Bonito, RJ: Benedictus, 2023, p. 86.

<sup>7</sup> TURCO, Alberto. *Cantus Recitativi*. Verona: Edizioni Melosantiqua, 2011, p. 11. Tradução nossa.

### Tom de Ré

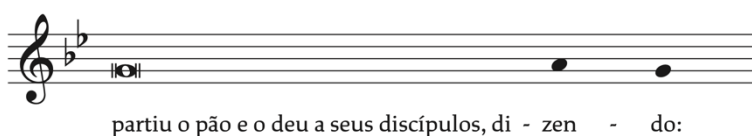


### Tom de Dó



## 1.2. O acento melódico

O acento melódico é uma *elevatio vocis* (elevação do tom de voz) que supera melodicamente a corda de rítmica ou se atinge notas agudas em uma fórmula cadencial, em relação às sílabas que o antecedem ou o seguem.

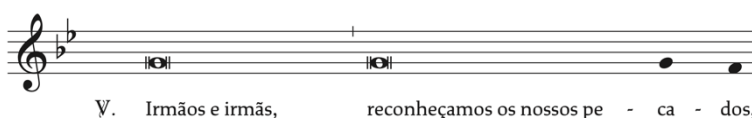


## 1.3. As cadências

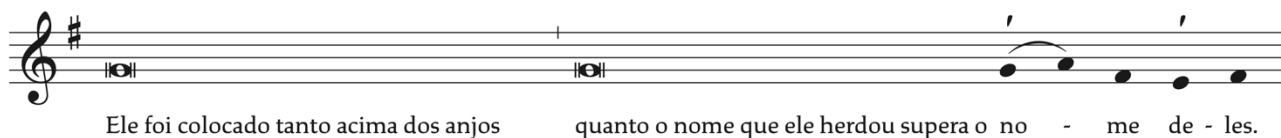
As cadências ou inflexões da voz são as verdadeiras variantes da corda de rítmica, sendo projetadas para se adaptarem a todas as frases do texto.

As cadências podem ter:

- 1 acento sem notas de preparação: quando a modulação é feita no último acento tônico antes da sua execução:



- 2 acentos sem notas de preparação: quando a modulação começa no penúltimo acento tônico antes da execução:



- 1 ou 2 acentos com notas de preparação: quando a modulação começa 1 ou 2 sílabas antes do último ou do penúltimo acento:



As palavras são constituídas por sílabas acentuadas e sílabas finais ou átonas. Entretanto, quando o texto termina com palavras proparoxítonas, formadas por três elementos (sílabas acentuada, sílabas central fraca ou postônica intermediária e sílabas final), uma nota adicional chamada *epêntese* é introduzida. Essa nota preenche a sílaba fraca entre a acentuada e a final. Nos livros de canto, a nota da epêntese vem grafada com um *punctum quadratum* meio vazio<sup>8</sup>.

Nos recitativos litúrgicos encontramos três tipos de cadências:

- Metrum*** ou **Cadência mediana**: Trata-se de uma modulação central de grande importância, normalmente descendente e depois ascendente, que se afasta da corda de rítmica para depois retornar a ela. O *metrum* é guiado pelo texto e ocorre na ***cesura principal*** do sentido gramatical (dois pontos ou ponto e vírgula), sendo um sinal de pontuação da semi-frase. Em alguns livros litúrgicos, é indicado pelo asterisco (\*). Sua estrutura melódica pode apresentar um acento com ou sem notas de preparação, com epênteses intercalares ou antecipadas, ou ainda pode ser do tipo cursivo.
- Flexa***: A *flexa* é uma breve flexão da voz que varia de um tom inteiro a uma terça menor da corda de rítmica, sem notas de preparação e eventualmente com epênteses intercalares. A *flexa* corresponde a uma ***cesura secundária*** do sentido gramatical (ponto e vírgula, vírgula ou metades de frases longas, desprovidas de sinais de pontuação). Em alguns livros litúrgicos ela é indicada pela adaga, também chamada de obelisco, óbelo, cruz ou cruzinha<sup>9</sup> (†).
- Punctum*** ou Cadência final: é o sinal de pontuação que indica o final da frase ou do período literário, correspondendo ao ponto final. Melodicamente, pode ser executado de várias maneiras, dependendo de cada tipo de recitativo. Vejamos alguns exemplos:

Assim é feita a flexa:

ao encontro do vosso Cristo que vem, —† para que, colocados à su - a di - rei - ta, \*

assim a cadência mediana:

e assim a cadência final:

mereçam possuir o reino ce - les - te.

#### 1.4. As pausas suplementares

Em todos os tipos de recitativos, particularmente naqueles mais longos, o sentido do texto pode sugerir algumas pausas, independentemente das modulações regulares (*metrum* e *flexa*). Estas pausas são simples momentos de respiração realizadas sem modulações e geralmente são marcadas pelo quarto de barra:

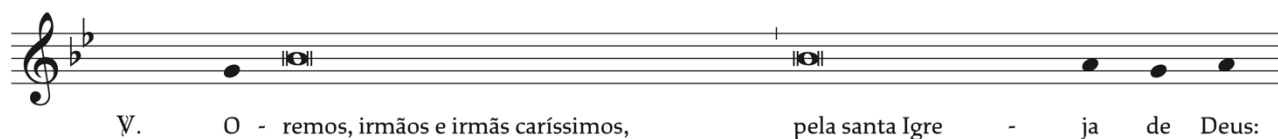
V. Ó Deus todo-poderoso, concedei aos vossos fiéis o ardente desejo de acorrer com boas obras

<sup>8</sup> DIAS, Clayton. *Canto Gregoriano: Teoria e Prática na Liturgia*. Rio Bonito, RJ: Benedictus, 2023, p. 209.

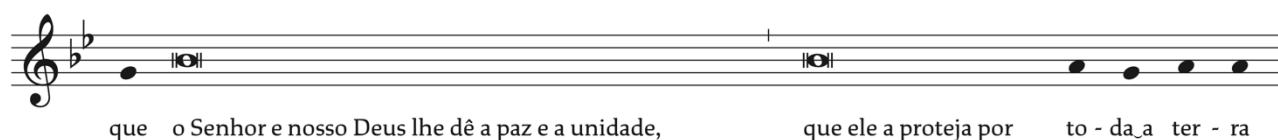
<sup>9</sup> DIAS, Clayton. *Canto Gregoriano: Teoria e Prática na Liturgia*. Rio Bonito, RJ: Benedictus, 2023, p. 86.

### 1.5. A entoação

Alguns recitativos possuem uma entoação (*incipit*) que marca o início de um trecho ou membro da frase. Em alguns casos, essa entoação serve como uma ligação entre as partes dos recitativos que envolvem a alternância entre os diferentes intérpretes.



V. O - remos, irmãos e irmãs caríssimos, pela santa Igre - ja de Deus:



que o Senhor e nosso Deus lhe dê a paz e a unidade, que ele a proteja por to - da a ter - ra

## 2. Normas técnicas para a interpretação dos recitativos do Missal Romano

Cf. texto “Notas técnicas” in “Missal Romano: Cantos dos Ministros e da Assembleia: Livro de Acompanhamentos”. Brasília, DF: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – Edições CNBB, 2024, p. 9-11.